Fui eu que fiz: Mas só porque eu fiz não presta?



Alex Ribeiro Maia Baroni

RESUMO

Por meio de práticas artesanais, diversos são os indivíduos que optam pela construção caseira em vez de comprar um produto manufaturado adquirido no comércio. Entre esses, muitos consideram que a qualidade do produto artesanal, pode ser igual ou até superior àquilo que poderia ser comprado em lojas especializadas. Assim, na esteira daqueles que atuam com práticas de "faça você mesmo", buscou-se analisar pesquisas a respeito de como os artesãos veem a qualidade daquilo que produzem, e dessa forma, como a noção de qualidade se estabelece para com as suas atividades artesanais. O texto é um artigo teórico, o qual foi construído à luz de artigos publicados na literatura especializada. Mediante isso, a qualidade foi analisada sob diferentes aspectos, por exemplo, sobre comparações do produto artesanal com o industrializado. Como resultado, parece-nos que aquilo produzido pelo artesão, possui predicados únicos, fazendo com que dessa forma, o artesão perceba como algo de qualidade diferenciada. Outra noção ainda pode ser apresentada em razão dos laços criados entre o artesão e sua obra durante a construção. Assim, esse vínculo pode inclusive afetar a percepção de como o artesão enxerga a qualidade daquilo que produziu.

Palavras chave: Qualidade, artesãos, produto artesanal.

ABSTRACT

Through artisanal practices, many individuals opt for artisanal construction instead of buying a manufactured product. Among them, many consider that the quality of the handmade product can be equal or even better than what could be bought in specialized stores. It was analyzed in researches, how artisans see the quality of they produce, and in this way, how the notion of quality is established for their artisan activities. The text is a theoretical article, and it was constructed based on articles published in the specialized literature. Through it, quality was analyzed in different aspects, such as, for example, comparisons between artisanal and industrialized products. As a result, it seems to us, that what is produced by hand has unique predicates, and even be perceived by the artisans as something of differentiated quality. Another notion can still be presented due the links created between art and its work during construction. In the same way, this can even affect the perception of how artisans see the quality of what they produces.

Key Words: Quality, artisans, handmade product.

1. INTRODUÇÃO

O 'faça você mesmo', ou mais comumente conhecido pelo acrônimo *DIY*, do inglês – *Do It Yourself*, apresenta-se como a possibilidade que qualquer indivíduo tem de optar por produzir artesanalmente em vez recorrer a uma produção industrializada no

mainstream. A literatura internacional especializada, também trata esses indivíduos como *makers*, cuja tradução literal estaria orientada àquele visto como criador ou fabricante (TANENBAUM *et al*., 2013). Mas nesse artigo, adotaremos a palavra artesão para referenciar os indivíduos que utilizam-se de práticas manuais em geral.

Diversos estudos têm se dedicado ao tema do *DIY*, como por exemplo, a fabricação artesanal de cosméticos caseiros (DUARTE, CASOTTI e MOREIRA, 2019; MORAIS, BRITO e QUINTÃO, 2019); o surgimento de comunidades e culturas *DIY* (KUZNETSOV e PAULOS, 2010); a democratização do *DIY* (ATKINSON, 2006) e a inovação que o *DIY* pode trazer para o empreendedorismo (FOX, 2014). Portanto, o interesse de pesquisadores parece denotar que o *DIY* consolida-se crescentemente como prática no século XXI.

Nessa esteira, através de relatos dos próprios artesãos dos produtos que construíram, questionamos: Como é analisada a qualidade dos produtos artesanais, segundo a percepção dos próprios artesãos?

O percurso metodológico estabeleceu-se por meio de pesquisa bibliográfica, aprofundando-se em artigos que versam sobre o tema *DIY*, publicados em âmbito nacional e internacional.

Primeiramente, será objeto dessa discussão a perspectiva do artesão como consumidor e algumas das razões pela opção do *DIY*. Em seguida, buscaremos estabelecer o significado da qualidade para o artesão. O próximo tópico, discutirá como a figura do artesão reconhece de forma singular as suas necessidades, e como consequência, a qualidade daquilo que produziu. Em seguida, será debatido através de pesquisas, a possibilidade da existência de um viés psicológico que pode exercer alguma influência na forma como o artesão percebe a qualidade de seu trabalho. No próximo tópico, será detalhado o percurso metodológico. Findando com um capítulo sobre discussões e seguindo para as considerações finais.

2. MOTIVOS DA OPÇÃO PELA ATIVIDADE ARTESANAL

Sob o ponto de vista da qualidade de um produto, se estabelece que ela pode ser analisada através do olhar daquele que o utiliza, no caso o cliente, ou sob a perspectiva de quem o produz (MAKHITHA, 2016; ZEITHAML, 1988). Uma vez que o artesão é aquele que atua na produção, mas também no consumo daquilo que produziu, ou seja, também chamado de prossumidor, não seria errado tratar o mesmo como cliente em algum momento desse processo (TOFFLER, 1980).

Segundo a literatura, diversos motivos destacam-se na decisão de partir para a atividade de “faça você mesmo”, onde encontramos: capacidade de produzir pequenas quantidades (MOTA, 2011), não depender tão somente de adquirir produtos comercializados no *mainstream* (DUARTE, CASOTTI e MOREIRA, 2019; MORAIS, BRITO e QUINTÃO, 2019), possibilidade de personalizar o resultado (ATKINSON, 2018), menor dispêndio financeiro (WILLIAMS, 2004), participar da atividade como um *hobby* (WATSON e SHOVE, 2008), entre outros.

Esses motivos relacionados, sugerem-nos uma relação para a forma como os artesãos tendem a enxergar a qualidade daquilo que produzem, como será apontado nos próximos tópicos.

2.1. A QUALIDADE SEGUNDO O ARTESÃO

A literatura expõe pesquisas, onde artesãos julgam que a qualidade de seu trabalho artesanal é tão superior ao que poderiam encontrar no *mainstream*, que muitos abdicam de comprar produtos industrializados (DUARTE, CASOTTI e MOREIRA, 2019; MORAIS, BRITO e QUINTÃO, 2019). Esse aspecto pode estar associado à confiabilidade que esses artesãos têm para com a sua produção. A exemplo, trazemos a pesquisa de Duarte *et al*. (2019) com uma atuante de *DIY* na área dos cosméticos, que confia tanto em seu trabalho como artesã, que evita a compra de produtos industrializados em favor de sua produção artesanal: “Tenho um certo orgulho de não depender de ir na farmácia tradicional, é muito raro eu entrar na farmácia” (p. 8).

Outra pesquisa, também sobre cosméticos caseiros, denota as mesmas características observadas no tocante a artesãos que parecem enxergar uma alta confiabilidade no *DIY*, essa expressa por meio da qualidade: “Já faz um tempo que venho questionando os ingredientes dos cosméticos e produtos que eu uso. Qual é a utilidade de pagar mais para comer orgânica [comida] e, em seguida, cobrir a sua cara com lixo?” (MORAIS, BRITO e QUINTÃO, 2019, p. 12). Assim, os artesãos de cosméticos caseiros parecem acreditar tanto na superioridade de seus produtos preparados em casa, que inclusive não os associam com possíveis efeitos colaterais durante o seu uso, mas sim, àqueles produzidos pela indústria: “Eles estão associados ao aumento da incidência de câncer em alguns estudos, bem como ao aumento de alergias, ressecamento da pele e do cabelo e inflamação da pele, como espinhas.” (MORAIS, BRITO e QUINTÃO, 2019, p. 13).

Essa percepção mostra-se também entre aqueles que empreendem negócios por meio de sua atividade artesanal, os quais parecem creditar uma qualidade superior

para o resultado de sua produção. Assim como retratado na pesquisa de Solomon e Mathias (2020), onde um produtor artesanal de hambúrguer argumenta sobre a baixa qualidade do que compra-se de forma industrializada: “Um quilo de hambúrguer produzido industrialmente pode ter até 600 vacas diferentes e é porque eles não limpam os moedores, exceto uma vez por dia.” (p. 8). O produtor artesanal continua, ao defender que seu produto é superior: “Bem, meu quilo de hambúrguer é minha vaca e é uma grande diferença.” (SOLOMON e MATHIAS, 2020, p. 8).

Ademais, a literatura também expressa comparações com a baixa qualidade daquilo que vem sendo produzido utilizando-se o plástico como matéria-prima (RANGANATHAN, 2017). Dessa forma, um artesão expôs o seu descontentamento com esses produtos ao afirmar que faz o seu trabalho da melhor forma possível, buscando qualidade naquilo que produz: “Cada peça que faço, preciso saber se fiz bem. Se eu quero fazer isso melhor ainda, isso significa que ainda não está lá [não alcancei] e eu trabalho mais nisso.” (RANGANATHAN, 2017, p. 10).

Sob outro viés, destacam-se aspectos associados com a forma na qual alguns artesãos enxergam monetariamente a atividade manual. Pois diversas pesquisas retratam artesãos, que buscam nessa atividade uma forma de economizar (MORAIS, BRITO e QUINTÃO, 2019; WATSON e SHOVE, 2008; WILLIAMS, 2008). Portanto, ao economizarem, parecem atribuir qualidades positivas à sua obra, por orgulharem-se enquanto evitam despender somas elevadas na compra de um produto industrializado (WILLIAMS, 2008; WOLF, ALBINSSON e BECKER, 2015). A exemplo, traz-se a pesquisa de Hurst e Tobias (2011) sobre produtos caseiros voltados para deficientes físicos. Eles mostraram que nem sempre a indústria consegue atender a demanda em todos os quesitos desejados pelo consumidor, como preço (HURST e TOBIAS, 2011). Isso pode induzir a estímulos que levem os artesãos a procurarem por uma solução longe do *mainstream*. Assim, Hurst e Tobias (2011) relataram questionamentos em respeito aos preços dos itens industrializados voltados para a saúde, e afirmaram: “É apenas mais caro porque é 'médico'.” (p. 3). O entrevistado reforça que por meio do *DIY* é possível economizar, ainda mantendo a qualidade: “Você pode comprar algo e apenas modificá-lo por menos.” (HURST e TOBIAS, 2011, p. 3).

2.2. A QUALIDADE ESTÁ ALÉM DAQUILO COMERCIALIZADO NO *MAINSTREAM*

No tópico anterior, por meio da literatura, buscamos estabelecer algumas das considerações relacionadas a forma como o artesão vê aspectos de qualidade naquilo

que produziu. Aprofundando nessa análise, estabelecemos que uma possível explicação para aqueles que atuam no *DIY* creditarem uma maior satisfação geral ao resultado de sua obra, talvez fosse o fato de que os artesãos entendem melhor do que ninguém os seus anseios. Reiterando essa perspectiva, a pesquisa de Hurst e Tobias (2011) reforça essa noção ao expor que compreendem suas dores e dessa forma são capazes de exprimirem seus desejos na busca de um resultado que possa ser traduzido em um produto que julguem como ideal. Assim, talvez o produto resultante da atividade do artesão, nem seja aquele com a melhor qualidade, porém, ainda assim, ele parece atender a sua real necessidade. E isso, pode ser responsável pela forma como o artesão enxerga a qualidade que o produto oferece.

Em sintonia com essa colocação, trazemos o depoimento de um dos entrevistados da pesquisa de Wolf e McQuitty (2011), a qual pondera sobre itens personalizados que necessitava para o seu quarto: “Minhas prateleiras embutidas, por exemplo. Eu olhei para um número de amostras em revistas e, em seguida, construí de acordo com o tamanho da cama.” (p. 160). E continua, ao mostrar que não seria possível comprar um item qualquer no comércio: “[...] eu queria algo que acompanhasse o acabamento dos móveis e parecesse que fazia parte [dos móveis].” (WOLF e McQUITTY, 2011, p. 160).

Ainda sob consonância com o relatado, mencionamos a colocação de um entrevistado, mas dessa vez pela pesquisa de Atkinson (2018). Ele explica que a qualidade buscada estava orientada ao produto caseiro, no caso uma guitarra artesanal, e não relacionada com aquela vendida nas lojas do comércio: “Eu estava prestes a comprar uma boa guitarra […] . Eu pensei, [...] a música que estou ouvindo, as velhas coisas de blues - eles não tinham guitarras extravagantes. Todos aqueles músicos teriam guitarras baratas [...] (ATKINSON, 2018, p. 161).

A personalização mostra-se inclusive por meio daqueles que produzem cervejas artesanais (WOLF, RITZ e McQUITTY, 2020). Caracterizando assim, a forma como alguns dos artesãos dessa atividade, veem a possibilidade de obterem receitas únicas: “Muito do que preparamos está fora das opções […]. Eu preparo realmente para ultrapassar os limites nas coisas. Este ano eu fiz uma [cerveja de] abacaxi que chamei de Abacaxi Milkshake da Nova Inglaterra.” (WOLF, RITZ e McQUITTY, 2020, p. 7).

E até mesmo em áreas que exigem maior rigor, pela obrigatoriedade do conhecimento de tecnologias para produzir de forma artesanal, parece-nos possível perceber a necessidade por itens singulares. Assim como constam nos relatos da pesquisa de Parker (2013): “Eu substituí e adicionei componentes experimentalmente para moldar os circuitos no que eu queria.” (p. 294). E continua, ao pontuar a

personalização que conseguiu com a construção artesanal: “Este processo foi lento e imprevisível, e resultou em mais fracassos do que sucessos, mas permitiu que o instrumento [musical] se desenvolvesse de forma única e orgânica.” (PARKER, 2013 p. 294).

2.3. TEM MAIS QUALIDADE PORQUE FUI EU QUE FIZ

Através da literatura, como descrito nessa pesquisa, diversos foram os relatos de artesãos que creditam uma elevada qualidade ao resultado de sua obra. Porém, para tentar analisar se essa noção que enaltece a qualidade da atividade de *DIY* estaria sendo representada por uma visão deturpada da realidade, remetemos à pesquisa de Belk (1988) sobre o ‘eu estendido’. Pois uma das explicações, talvez possa ser atribuída ao vínculo que surge, segundo Belk (1988), durante o envolvimento das pessoas com os produtos físicos. Para exemplificar, Belk (1988) expôs relatos de pessoas que perderam suas casas e bens em enchentes, e fica explícito, de forma geral, o sentimento de perda associado com suas posses: “As perdas que mais preocuparam foram aquelas de sua coleção de discos […] a primeira edição de um livro de colecionador […]” (p. 142).

Mas os vínculos criados com produtos tangíveis, parecem ser observados além daqueles associados a produtos manufaturados. Destacando dessa forma, conexões estabelecidas por meio de laços emotivos também com produtos feitos artesanalmente (BELK, 1988). Assim como o depoimento de um indivíduo que mostrou profundo envolvimento com aqueles trabalhos manuais realizados por ele próprio e seu pai, como citado: “[...] o teto e lambris dos porões que ele havia instalado com a ajuda e conselhos de seu pai, e o gabinete estéreo [aparelho de som] que seu pai tinha feito.” (BELK, 1988, p. 142).

O apego resultante do envolvimento com a produção artesanal, pode também ser evidenciado através da pesquisa de Ranganathan (2017) com artesãos que produzem produtos para o comércio. Dessa forma, o autor expôs que muitas vezes os artesãos mostravam-se tão vinculados àquilo que produziram, que não conseguiam comercializar as peças, chamando-as de “bebês” e antropomorfizando esses produtos através do pronome “ele” ou “ela” (RANGANATHAN, 2017, p. 11). Assim, um dos entrevistados afirmou: “Quando faço uma peça, fico apegado a ela. Eu [desenvolvo] afeto por ela […]. É como criar uma criança, quando você é um artesão.” (RANGANATHAN, 2017, p. 11).

A pesquisa de Ranganathan (2017) ainda relacionou esse vínculo com a obra produzida, associando a ela um trabalho mais intenso e dificultoso para chegar àquele

resultado. Ou seja, os artesãos que levaram mais tempo na produção, estabeleceram maiores laços emocionais com o produto final: “Quanto mais eu suo, mais amo [meu produto].” (RANGANATHAN, 2017, p. 11).

Buscando ampliar essa perspectiva, através da literatura, trazemos a pesquisa de Troye e Supphellen (2012) que buscou comprovar esse vínculo emocional para produtos aos quais foram depositados empenho durante o trabalho para seu desenvolvimento. Dessa forma, fizeram um experimento que comprovou que a simples preparação, por duas pessoas, de uma sopa instantânea, tinha avaliações diferentes quando experimentadas por ambos os participantes. Portanto, aquele que fez o seu prato acreditava ter uma qualidade superior ao do outro, mesmo em se tratando de preparos que utilizaram-se do mesmo insumo industrializado (TROYE e SUPPHELLEN, 2012).

Em consonância com o retratado, a pesquisa de Moisio *et al*. (2013) expressa que o artesão envolvido na atividade, acredita que o resultado terá mais qualidade, caso o próprio a realize. Assim, compara o trabalho que pode realizar, com aquele feito por um empreiteiro: “Não é a casa dele [do empreiteiro], ele não se preocupa com os detalhes […].” (MOISIO *et al.*, 2013, p. 307).

Essa expectativa quanto ao resultado de uma atividade manual executada por terceiros, pode também ser encontrada em outras pesquisas. Como foi retratado por Wolf e McQuitty (2011), onde um dos entrevistados reclamou da qualidade no que se refere ao trabalho que profissionais estavam fazendo na casa de sua mãe: “Alguém pode não se importar muito e presta menos atenção a detalhes como rejuntes e arestas” (p. 159). Assim, o entrevistado justifica o motivo que o levou a optar pelo *DIY*, após ter passado por uma experiência anterior desfavorável quanto ao trabalho realizado por empresas de reforma (WOLF e McQUITTY, 2011).

3. METODOLOGIA

O estudo orientado àqueles artesãos que constroem produtos para uso próprio e até para o comércio, tem uma relevância ímpar para o autor, já que o mesmo também atua com práticas de atividades manuais. Portanto, esse aspecto foi precursor no desejo de pesquisar esse tema.

Desta forma, foi desenvolvida uma abordagem qualitativa, orientada para uma coleta de dados através de pesquisa bibliográfica. Para tanto, foram acessadas as bases do EBSCO e Google Acadêmico na busca de artigos. Inicialmente, os artigos foram baixados para facilitar a consulta. O passo seguinte, foi ler os artigos identificando aqueles que poderiam ajudar na discussão do tema. Dentro desses selecionados, foi

realizado um fichamento após a leitura de cada um deles, facilitando o seu uso nesse artigo.

4. DISCUSSÃO

O artigo trouxe aspectos relacionados na literatura sobre a forma com a qual os artesãos enxergam seu trabalho. Objetivou-se desta maneira, orientar a análise em função de como a qualidade dos produtos artesanais, produzidos pelos próprios artesãos, é vista.

Assim, o referencial teórico foi amparado em três questões, que são: a qualidade segundo o artesão, a relação do seu trabalho com o *mainstream* e por fim, os vínculos desenvolvidos ao longo da atividade artesanal.

Sob a ótica da relação da qualidade, parece que os artesãos consideram o resultado de seu trabalho manual, sob alguma dimensão, possuir aspectos aos quais estão associados com um produto de qualidade. Porém, não sugere-nos ser possível, atribuir essa percepção a uma única perspectiva. Pois na opinião daquele que desenvolveu sua obra, no caso o artesão, diferentes fatores podem traduzir as noções associadas com a qualidade de um produto artesanal, como por exemplo, ser produzido sob medida, personalizado e com funções bem específicas.

Em relação ao trabalho do artesão ter mais qualidade do que aquilo comercializado no *mainstream*, parece denotar-se em função de que o resultado singular que alcançam, não é possível comparar com um produto industrializado. Pois sendo único, não há parâmetros de comparação, favorecendo mais ainda ao julgamento do artesão como um resultado que se apresenta com qualidade superior. Ademais, por ser um produto sob medida e que atende à finalidade do artesão, parece-nos plausível que ele atribua aspectos positivos ao produto, enaltecendo assim a sua qualidade.

O último tópico, debateu sobre os vínculos que se criam durante a atividade artesanal. Assim, destacou-se a visão particular sobre a qualidade presente na obra do artesão segundo o seu olhar. Portanto, os laços entre o artesão e sua obra podem estabelecer visões alteradas da realidade, e assim, os artesãos podem vir a julgar suas obras como possuidoras de alta qualidade. Dessa forma, se tratando de uma visão pessoal do artesão, que pode, em alguma medida, ser enviesada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não procuramos esgotar o assunto, mas contribuir com a discussão em torno da temática do “faça você mesmo” - *DIY*. Assim, essa pesquisa espera corroborar que a qualidade expressa pela produção artesanal, pode ser tratada sob diferentes aspectos.

Portanto, embora existam condições diferentes para adentrarem no universo das práticas artesanais, os artesãos podem enxergar a qualidade de sua obra como associada àquilo que não existe no *mainstream*, até o fato de denotar melhores predicados em decorrência de laços emocionais estabelecidos durante o processo de construção. Assim, podem acreditar que a maior qualidade de determinado produto, está associada a algo único, ao construírem de forma personalizada. Aliado ao fato de que conhecem melhor as suas dores e obtendo esse resultado orientado à sua necessidade.

Discussões futuras podem ser realizadas no intuito de aprofundar o debate sobre a qualidade dos produtos artesanais, mas ao olhar daqueles que os compram, ou seja, os consumidores.

Assim, por meio de uma analogia com uma receita de uma torta, pode-se interpretar que cabe ao artesão envolvido com o *DIY*, manipular os ingredientes, a quantidade e a forma que vai utilizar para obter o produto final. Por meio dessa metáfora, essa receita de torta pode sofrer adaptações em seus ingredientes, fazendo com que cada torta seja única e o seu sabor não agrade a todos que a provem. Portanto, indivíduos não adeptos ao processo de criação artesanal, podem até discordar de seus produtores sobre a qualidade apresentada pelo produto final. Porém, a discussão que foi considerada nessa pesquisa, está orientada sob o ponto de vista dos próprios artesãos que realizam atividades manuais. E ao que parece, para esses artesãos, o ‘sabor dessa torta’ expressa adjetivos associados com qualidade. Pois de outra forma, não defenderiam a sua posição como favoráveis e adeptos pela produção caseira.

6. REFERÊNCIAS

ATKINSON, Paul. Do It Yourself: Democracy and Design. **Journal of Design History**, 19(1), 1–10, 2006. https://doi.org/10.1093/jdh/epk001

ATKINSON, P. Hairy Guys in Sheds: The Rough and Ready World of DIY Cigar Box Guitar Makers. **Design and Culture**, 10(2), 139–168, 2018. https://doi.org/10.1080/17547075.2018.1467724

BELK, R. W. Possessions and the Extended Self. **Journal of Consumer Research**, 15(2), 139, 1988. https://doi.org/10.1086/209154

DUARTE, João Pedro Edler; CASOTTI, Leticia Moreira; MOREIRA, Catia Silva da Costa. Do prossumo crítico ao empreendedorismo integrado: um estudo de caso longitudinal sobre esta trajetória. **In XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2019**, 2019.

FOX, S. Third Wave Do-It-Yourself (DIY): Potential for prosumption, innovation, and entrepreneurship by local populations in regions without industrial manufacturing infrastructure. **Technology in Society**, 39, 18–30, 2014. https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2014.07.001

HURST, A.; TOBIAS, J. Empowering individuals with do-it-yourself assistive technology. The Proceedings of the 13th International ACM SIGACCESS. **Conference on Computers and Accessibility**, 11, 2011. https://doi.org/10.1145/2049536.2049541

KUZNETSOV, Stacey; PAULOS, Eric. Rise of the expert amateur. Proceedings of the 6th Nordic Conference on Human-Computer Interaction Extending Boundaries. **NordiCHI**, 2010. https://doi.org/10.1145/1868914.1868950

MAKHITHA, Khathutshelo. Marketing Strategies Of Small Craft Producers In South Africa: Practices And Challenges. **Journal of Applied Business Research** (JABR). 32. 663, 2016. https://doi.org/10.19030/jabr.v32i3.9649

MOISIO, R.; ARNOULD, E. J.; GENTRY, J. W. Productive Consumption in the Class-Mediated Construction of Domestic Masculinity: Do-It-Yourself (DIY) Home Improvement in Men's Identity Work. **Journal of Consumer Research**, 40(2), 298–316, 2013. https://doi.org/10.1086/670238

MORAIS, Isabela Carvalho; BRITO, Eliane Pereira Zamith; QUINTÃO, Ronan Torres. Productive Consumption Changing Market Dynamics: A Study in Brazilian DIY Cosmetics. **Latin American Business Review**, 1–25, 2019. https://doi.org/10.1080/10978526.2018.1547642

MOTA, C. [ACM Press the 8th ACM conference - Atlanta, Georgia, USA (2011.11.03-2011.11.06)] Proceedings of the 8th ACM conference on Creativity and cognition - C&C '11 - The rise of personal fabrication., 279, 2011. https://doi.org/10.1145/2069618.2069665

PARKER, L. E. Repurposing the Past: The Phantastron and appropriating history as a DIY approach. **Organised Sound**, 18(03), 292–298, 2013. https://doi.org/10.1017/s1355771813000265

RANGANATHAN, Aruna. The Artisan and His Audience: Identification with Work and Price Setting in a Handicraft Cluster in Southern India. **Administrative Science Quarterly**, 000183921772578, 2017. https://doi.org/10.1177/0001839217725782

SOLOMON, Shelby J.; MATHIAS, Blake D. The artisans' dilemma: Artisan entrepreneurship and the challenge of firm growth. **Journal of Business Venturing**, 35(5), 106044, 2020. https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2020.106044

TANENBAUM, Joshua. G.; WILLIAMS, Amanda. M.; DESJARDINS, Audrey; TANENBAUM, Karen. Democratizing technology. Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems. **Democratizing technology**, 2603, 2013. https://doi.org/10.1145/2470654.2481360

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

TROYE, S. V.; SUPPHELLEN, M. Consumer Participation in Coproduction: "I Made It Myself" Effects on Consumers' Sensory Perceptions and Evaluations of Outcome and Input Product. **Journal of Marketing**, 76(2), 33–46, 2012. https://doi.org/10.1509/jm.10.0205

WATSON, M.; SHOVE, E. Product, Competence, Project and Practice. **Journal of Consumer Culture**, 8(1), 69–89, 2008. https://doi.org/10.1177/1469540507085726

WILLIAMS, C. C. A lifestyle choice? Evaluating the motives of do-it-yourself (DIY) consumers. **International Journal of Retail & Distribution Management**, 32(5), 270–278, 2004. https://doi.org/10.1108/09590550410534613

WILLIAMS, C. C. Re-thinking the motives of do-it-yourself (DIY) consumers. The International Review of Retail. **Distribution and Consumer Research**, 18(3), 311–323, 2008. https://doi.org/10.1080/09593960802113885

WOLF, M.; ALBINSSON, P. A.; BECKER, C. Do-It-Yourself Projects as Path toward Female Empowerment in a Gendered Market Place. **Psychology & Marketing**, 32(2), 133–143, 2015. https://doi.org/10.1002/mar.20768

WOLF, M.; McQUITTY, S. Understanding the do-it-yourself consumer: DIY motivations and outcomes. **AMS Review**, 1(3-4), 154–170, 2011. https://doi.org/10.1007/s13162-011-0021-2

WOLF, M.; RITZ, W.; McQUITTY, S. Prosumers who home brew: a study of motivations and outcomes. **Journal of Marketing Theory and Practice**, 1–12, 2020. https://doi.org/10.1080/10696679.2020.1801321

ZEITHAML, V. A. Consumer Perceptions of Price, Quality, and Value: A Means-End Model and Synthesis of Evidence. **Journal of Marketing**, 52(3), 2–22, 1988. https://doi.org/10.2307/1251446